

Eliana Carla Vaz Almeida

Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no namoro



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2012

Eliana Carla Vaz Almeida



Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2012

Eliana Carla Vaz Almeida

Eliana Carla Vaz Almeida

Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da Violência no Namoro

---

(Eliana Carla Vaz Almeida)

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como  
parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em  
Criminologia sob a orientação da Prof. Dr<sup>a</sup>. Sónia Caridade.

**Resumo**

A violência nas relações de namoro, à semelhança da violência conjugal, tem vindo a adquirir grande visibilidade científica e social, sendo já considerada um problema social para o qual urge respostas atempadas e eficazes. Assim sendo e a partir da revisão da literatura neste domínio, foi possível perceber que a cultura de prevenção nesta área só agora começa a dar os primeiros passos, contrariamente àquilo que se verifica ao nível internacional, onde esta prática tem vindo a apresentar resultados extremamente positivos. Com este projeto de graduação, propõe-se a elaboração e implementação de um programa breve de sensibilização dirigido a jovens adolescentes e em que se procurará essencialmente intervir ao nível das atitudes. É ainda nosso objetivo a avaliação do impacto deste programa, motivo pelo qual se procederá à realização de um pré-teste e um pós-teste, existindo ainda um grupo de controlo que permita um controlo mais efetiva nas mudanças verificadas no grupo experimental. Com este programa é expectável uma modificação das atitudes dos jovens face ao problema da violência nas relações de namoro. Finalizar-se-á com uma reflexão crítica deste programa, procurando-se delinear pistas para a investigação futura nesta área.

**Palavras-Chave:** violência no namoro; prevenção; tipos de violência; sensibilização; factores de risco;

## **Summary**

Violence in dating relationships, like the marital violence, has gained high profile scientific and social, therefore being already considered a social problem for which urge timely and effective responses. And from the literature review in this area, it was revealed that the culture of prevention only now beginning to take the first steps, contrary to what occurs at the international level, where this practice has been showing extremely positive results. With this graduation project, we propose the design and implementation of an awareness program intended at young teenagers and that mainly seek to intervene at the level of attitudes. It is still our aim to assess the impact of this program, which is why whether it will carry out a pre-test and post-test, and there is a control group that enables a more effective control on changes in the experimental group. With this program is expected a change of the attitudes of young people towards the problem of violence in dating relationships. To complete, it will be done a critical reflection of the program seeking to outline avenues for future research in this area.

**Keywords:** Dating violence, prevention, types of violence; awareness; risk factors;

## **Agradecimentos**

Esta monografia não foi possível apenas com o meu esforço e dedicação, mas também através do apoio e dedicação das várias pessoas que sempre me apoiaram e acompanharam ao longo desta licenciatura.

Começo por agradecer à orientadora Prof. Dra. Sónia Caridade, por todo o acompanhamento disponibilizado pelo seu profissionalismo e dedicação demonstrado ao longo da feitura deste projeto.

À minha família, à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã por todo o apoio e acompanhamento que sempre me deram na minha vida académica e pessoal, acreditando sempre nas minhas capacidades.

Ao Jorge por nunca me ter deixado desistir quando o pessimismo e a falta de motivação eram maiores que a vontade de ir em frente e por estar sempre ao meu lado.

À Tânia, à Mafalda e à Ana por terem feito esta viagem comigo ao longo da licenciatura e por me terem encorajado nos momentos menos positivos.

Eliana Almeida

*“Violência não é um sinal de força, a violência é um sinal de desespero e fraqueza.”*

Dalai Lama

## Índice

Introdução .....	6
I Capítulo: Componente teórica e conceptual sobre a violência no namoro .....	8
1.1. Definição e enquadramento legal .....	8
1.2. Prevalência e tipos de abuso.....	10
1.3. Fatores de risco para a violência no namoro .....	17
1.4. Ciclo da violência e dinâmicas abusivas nas relações de namoro.....	24
1.5. Impacto e consequências da violência no namoro .....	26
1.6. Cultura de prevenção da violência no namoro .....	26
II Capítulo: Avaliação de um programa breve de prevenção da violência no namoro .....	31
2.1. Objetivos .....	31
2.2. Metodologia .....	31
2.3. Participantes .....	32
2.4. Recursos e materiais.....	32
2.5. Procedimentos .....	33
2.6 Tratamento dos dados.....	35
2.7 Apresentação e discussão de resultados .....	35
3. Conclusão.....	37
4. Referências bibliográficas .....	40
Anexos.....	47
Anexo I.....	49
Anexo II.....	55
Anexo III.....	71
Anexo IV .....	72
Anexo V .....	73

## **Introdução**

O presente programa decorre da experiência de estágio onde foi possível perceber a existência do problema, bem como, a necessidade de intervir no mesmo. Assim para a elaboração deste trabalho recorreremos à literatura desta área. A partir daí foi-nos possível verificar que este tema nem sempre foi uma problemática à qual os investigadores atribuísem muita importância, uma vez que durante muitos anos vivemos numa sociedade patriarcal, que minimizava o papel da mulher (Loyd, 1991). Porém não se pense que é uma situação nova pois este tipo de violência sempre ocorreu e ao contrário do que se possa pensar pode até envolver atos mais violentos (Straus, 2004).

Esta problemática pode ser analisada à luz do fenómeno intergeracional, isto é, estes comportamentos poderão ser apreendidos em contexto familiar, passando de geração em geração (a forma de resolver os conflitos de forma violenta), (Kalmuss, 1984). Este tipo de vivências em meios violentos pode formar possíveis agressores ou vítimas (Gover, Kaukinen, & Fox, 2008).

Não obstante, no estudo desta matéria como no estudo de outras, existem sempre opiniões divergentes por parte dos investigadores. Ainda que em ambientes familiares violentos as crianças tenham maior probabilidade de se tornarem agressores ou potenciais vítimas, existem autores (Smith & Williams) que defendem que a probabilidade de que tais situações ocorram em relações íntimas futuras diminui, uma vez que se promove a resiliência.

Perante a análise de vários estudos já realizados por outros autores, consideramos pertinente realizar um programa de sensibilização/prevenção na problemática violência no namoro, uma vez que a nível nacional os estudos realizados são escassos e os resultados obtidos por estes e por outros a nível internacional demonstram a eficácia da aplicação destes programas nos mais jovens. Assim, o presente programa tem como objetivo a realização de um programa breve de prevenção da violência no namoro. Pretende-se, deste modo, desmistificar as crenças dos jovens acerca da violência no namoro, munindo-os de informação essencial para que ocorra uma mudança de atitudes.

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

Encontrando-se o mesmo dividido em duas grandes partes distintas, a primeira diz respeito à parte teórica onde serão abordados temas tais como: a definição de violência no namoro, os tipos de violência no namoro, os fatores de risco associados a esta problemática que muitas vezes ajudam a definir e caracterizar os traços gerais das vítimas e os agressores, bem como, uma breve revisão de vários estudos realizados neste âmbito tanto, ao nível nacional, como ao nível internacional.

O segundo grande grupo, será respeitante à parte empírica do programa, onde se procede à descrição da proposta do programa de prevenção, a sua população-alvo, a metodologia aplicar e a discussão de resultados.

Este programa surgiu a partir de um levantamento de necessidades realizado por mim em contexto do estágio curricular. Desse levantamento uma das maiores percentagens de ocorrências era acerca da violência doméstica. Porém, como estava a trabalhar com crianças e jovens pretendi realizar um programa adequado às suas idades e que poderá ajudar a que no futuro as suas atitudes face à violência mudem.

## I Capítulo: Componente teórica e conceptual sobre a violência no namoro

### 1.1. Definição e enquadramento legal

O termo violência deriva do latim *violentia*. Existem diferentes tipos de definições elaboradas para o tema. Uma das definições comumente utilizada é a da APAV (2008), que considera que a violência doméstica é: Qualquer comportamento que seja perpetrado de forma repetitiva e violenta com o objetivo de causar dano psicológico, físico, sexual ou económico a uma pessoa com quem já tenha mantido ou mantenha uma relação de conjugalidade, namoro ou entre descendentes e ascendentes, que podem dividir o mesmo espaço habitacional ou não.

Definir violência no namoro não é tarefa fácil, dada a abundância de definições que vigoram na literatura da especialidade.

Lavoie e colaboradores (2000), definem esta problemática como sendo não só a perpetração da violência física, mas também como sendo violência sexual e psicológica. Sendo que a sua definição é “*Qualquer comportamento que é prejudicial para o desenvolvimento do parceiro ou da sua saúde, comprometendo a sua integridade física, psicológica ou sexual*” (pág. 8).

Outra definição de violência no namoro é “*controlar ou dominar o outro recorrendo à força física, psicológica ou sexual causando dano para o outro*” (Wekerle & Wolfe, 1999, pág.436).

É importante ainda referir que a violência no namoro não ocorre apenas entre casais de sexos diferentes, mas também poderá ocorrer em outros contextos relacionais, como é o caso das relações homossexuais (Costa, Machado, & Antunes, 2006)

Nestes, o tipo de violência mais comum é o outing. O outing é uma forma de intimidação que um dos elementos do casal exerce sobre o outro ameaçando divulgar a sua opção sexual aos demais (Costa *et al.*, 2006)

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

Regra geral, tanto a violência no namoro como a violência conjugal tendem a ocorrer de forma cíclica, ao que os investigadores denominam de ciclo de violência, que será explicado mais a frente neste trabalho.

O nosso enquadramento legal poderá contemplar a Violência no Namoro como crime, tal como a Violência Doméstica, seguidamente será exposto o artigo alusivo à tipificação legal deste crime.

Segundo o artigo 152.º do nosso código penal quem, de modo reiterado, de descendente comum ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações de liberdade e ofensas sexuais: ao cônjuge ou ex-cônjuge; a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; a progenitor descendente comum em 1.º grau; a pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite. É punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

2.- No caso previsto no número anterior, se o agente praticar facto contra menor, na presença do menor, no domicílio da vítima é punido com pena de prisão de dois a cinco anos.

3.- Se dos factos previstos no n.º 1 resultar:

a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de dois a oito anos;

b) A morte, o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos;

4. Nos casos previstos nos números anteriores, podem ser aplicadas ao arguido as penas acessórias de proibição de contacto com a vítima e de proibição de uso e porte de armas, pelo período de seis meses a cinco anos, e de obrigação de frequência de programas específicos de prevenção da violência doméstica.

5. A pena acessória de proibição de contacto com a vítima pode incluir o afastamento da residência ou do local de trabalho desta e o seu cumprimento pode ser fiscalizado por meios técnicos de controlo à distância.

6. Quem for condenado por crime previsto neste artigo pode, atenta a concreta gravidade do facto e a sua conexão com a função exercida pelo agente, ser inibido do exercício do poder paternal, da tutela ou da curatela por um período de um a dez anos.

São ainda configurados como violação de bens jurídicos ligados à violência doméstica/namoro os crimes a baixo mencionados.

A injúria, a difamação, o homicídio qualificado, as ofensas à integridade física qualificada, a ameaça, a coação, o sequestro e a violação;

## **1.2. Prevalência e tipos de abuso**

Para que melhor seja entendido o fenómeno de seguida serão expostos vários estudos relativos à prevalência do mesmo em vários países inclusivamente em Portugal.

Em termos internacionais, no Canadá, foi realizado um estudo para verificar e perceber a prevalência da violência física e psicológica, no último ano. Para isso, os autores utilizaram uma amostra de 126 mulheres em idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos.

Para fazer o levantamento desses dados foi utilizado o instrumento o CTS 2 (Conflict Tactic Scale), e concluíram que 84.1% das raparigas diziam já ter perpetrado algum tipo de comportamento violento e 81.7%, referia já ter sido vítima de violência psicológica no último ano. Desta amostra verificou-se ainda que 45.2% das participantes já tinha sido vítima de violência física menos severa e 20.6% fora vítima de violência mais severa (Cyr, McDuff, & Wright, 2006 *cit. in* Caridade, 2011).

Numa ação concertada entre vários países foram construídos vários estudos com o intuito de compreender esta matéria. Assim surgiram três estudos conjuntos que passarei de seguida a mencionar, uma vez que Portugal também participou.

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

O primeiro estudo data do ano de 2002 e foi realizado por Straus e colaboradores, e nele participaram o Canadá, o México, Texas, os E.U.A., Hong Kong, a Suíça, Israel, Portugal e Brasil.

Os principais objetivos deste estudo eram verificar, em cada país, os níveis de prevalência da violência física e sexual. Para tal agruparam 3.086 elementos que seriam a sua amostra e utilizando a medida de recolha de dados CTS, verificaram que: No total 28.2% dos inquiridos confessaram já ter tido algum tipo de comportamento violento em relações íntimas, sendo que desses 28.7% são raparigas e 27.7% são do sexo masculino. Destes números, 9.7% dizia respeito a violência na sua forma mais severa. De todos os países concluiu-se que era no México, que a prevalência da violência física era em maior número, cerca de 51%, sendo que a mais baixa se encontrava no Canadá.

O nosso país e Israel apresentaram mesmo assim números considerados baixos, tanto na violência menos severa (20%), como na violência mais severa, 7.1%, quando comparados com os outros países.

Os resultados da coerção sexual deste estudo vêm de encontro a toda a pesquisa bibliográfica que realizei, uma vez que neste também os elementos do sexo masculino são em maior número os perpetradores, 39.9%, ao contrário de apenas 18.6% das mulheres. Este tipo de ato regra geral vem acompanhado de atos de ameaça ou intimidação. No estudo foi possível conferir que 3% dos indivíduos que assumem já ter perpetrado este tipo de violência fez uso de ameaça para conseguir o abuso, e 3.2% recorreu ao uso da força física.

Para que melhor se perceba este estudo é importante referir que os números mais elevados deste tipo de comportamento desviante foi verificado no Brasil com números elevados de 41.6%. Enquanto o nosso país se mantém na mesma média dos outros países participantes, 24.7%.

No Brasil, na cidade de São Paulo, Aldrighi, no ano de 2004, realizou um estudo com o objetivo de verificar a prevalência e as formas de violência no namoro, no último ano. Este autor utilizou 455 alunos do ensino secundário para a sua amostra, sendo que destes 35% eram elementos do sexo masculino e 65% do sexo feminino. As idades

### **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

variavam entre os 18 e os 40 anos. O instrumento utilizado pelos autores foi o Revised Conflict Tactics Scales (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996). Os resultados verificados no estudo, à semelhança dos anteriores, demonstram números elevados de violência nas relações íntimas de namoro. 21% da amostra refere já ter sido vítima de violência física pelo menos uma vez no último ano, as raparigas foram mais vítimas de agressões que os rapazes registando-se em 19.4% dos casos. Por último, verificou-se que as formas de violência psicológica e coerção sexual foram mais relatadas que a violência física. Tal como outros estudos, este veio corroborar a tese de que nas relações de namoro abusivas não existe uma diferenciação de género muito significativa, uma vez que em 72.4% dos casos a violência era exercida de forma mútua.

Nos países Africanos, também têm sido realizados estudos acerca do tema violência no namoro, sendo importante referir alguns números de um estudo realizado no ano de 2005, pela mão dos autores McCloskey, Williams e Larsen.

Estes autores estavam interessados em estudar o fenómeno quer no último ano, quer ao longo da vida dos jovens. Para isso, recolheram uma amostra de 2.019 participantes com a particularidade de serem todas mulheres entre os 20 e 40 anos de idade.

Partindo desta amostra, os autores aplicaram o instrumento Conflict Tactic Scale do autor Straus, 1979. Desta aplicação surgiram os seguintes dados: No último ano 21% das mulheres admitiu já ter sido vítima de atos de violência física ou algum tipo de coerção sexual por parte do namorado, sendo que entre 15% a 16% já teria sido vítima de vários tipos de violência física enquanto apenas 1% diz ter sido vítima de relações sexuais contra a vontade. Quanto a violência sofrida ao longo da vida este estudo não demonstra diferenças significativas dos resultados obtidos da violência vivenciada no último ano, apenas difere quando a variável é a coerção sexual, aí os números aumentam para 3%.

Na China, o autor Digest, no ano de 2005, estudou a realidade chinesa neste âmbito, para isso utilizou uma amostra de 600 mulheres cujas idades iam dos 18 aos 60 anos. Pretendia analisar a ocorrência de abuso físico, psicológico e sexual tanto no último ano, como ao longo da vida das participantes, tendo recorrido para tal à

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

entrevista. Através da realização das entrevistas concluiu que 43% da amostra, ou seja um número elevado, uma vez que quase metade admitiu já ter sofrido algum tipo de violência numa relação, e 26% confessou já ter sido vítima de abuso sexual.

Ao longo da vida, 38% das participantes admitiram já ter sofrido qualquer tipo de abuso físico e 16% já tinha sofrido abuso sexual. Sendo que destas 38%, 29% referiram também terem sofrido coerção sexual.

Quanto aos valores referentes ao último ano, verificou-se que 21% já tinham sofrido algum abuso físico e que 12% já tinham sido vítimas de abuso sexual. Destas 21% que referiram terem sido vítimas de violência física, 24% também foi vítima de violência sexual.

No ano de 2006, na Colômbia, Basile e colaboradores, estudaram a violência sexual forçada nas relações de namoro de 15.240 jovens do ensino secundário de 50 estados diferentes da Colômbia. Para poderem recolher os dados, os autores utilizaram o instrumento YRVS, Youth Risk Behavior Surveillance System do Centers Disease for Control and Prevention. Os resultados obtidos neste estudo mostram que 8.9% da amostra admitiu já ter sido vítima de coerção sexual, e que deste número, 11.9% são elementos do sexo feminino e 6.1% são do sexo masculino. À semelhança de outros estudos, este demonstra que esta forma de vitimação é mais preponderante nas mulheres.

Quanto à violência sofrida ao longo da vida, este estudo não demonstra diferenças significativas quando comparados com dados obtidos da violência vivenciada no último ano. Os únicos valores em que se verificaram alterações foram ao nível da coerção sexual, aí os números aumentam para 3%.

Na cidade de Morelia Prevalos, (2007) no México, foi realizado um estudo, para tentar caracterizar a prevalência da violência na intimidade. Para tal, constituiu-se uma amostra bastante significativa de 13.293 indivíduos entre os 11 e os 24 anos. Neste levantamento de resultados utilizou-se o mesmo instrumento que no estudo suprarreferido. Os resultados demonstraram que os rapazes a nível de vitimação são em maior número (cerca de 15.2%), enquanto as raparigas apresentam um valor de

## Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro

8.6%. Por outro lado, quando se analisa cada tipo de violência em particular verifica-se que a violência psicológica é exercida sobretudo sobre vítimas do sexo feminino, 9.4%, em contraste com 8.6% homens que referem ser vítimas de violência psicológica. Quanto à violência física, os rapazes assumem-se também como as maiores vítimas, com 22.7% enquanto apenas 9.9% das raparigas faz referência a ter sido vítima deste tipo de abuso, ainda estas assumem-se em maior número como perpetradores de violência com 7.5%, perante 5.5% dos elementos do sexo masculino. No que concerne à perpetração de violência psicológica, a diferença não é tão notória uma vez que as raparigas assumem em 4.2% que cometem esse tipo de comportamento e nos elementos da amostra masculinos, 4.3% assumem também já ter tido esta atitude. Perante isto, falta apenas referir os resultados da perpetração da violência física. Nesta, os resultados verificados apontam para um maior número nos elementos femininos, cerca de 20.9% enquanto o outro sexo se encontra nos 19.5%.

Já mais recentemente, em 2007, os autores Marquart e colaboradores, no seu estudo tiveram como principal objetivo a análise e recolha de dados relativos à prevalência da vitimação e as formas de violência em função do género e da região onde os participantes se encontram. Os locais escolhidos para o estudo foram quatro meios rurais, com o objetivo de verificar se existe influência do meio com os resultados. O número da amostra que foi utilizada era de 20807 alunos do ensino secundário, os autores utilizaram para a recolha dos dados instrumentos de autorrelato. Neste, verificou-se que 15.8% dos participantes já tinham sido vítima de algum tipo de violência pelo parceiro (a) numa relação de namoro, e que as raparigas participantes já tinham sido três vezes mais vítimas do que os rapazes de violência no namoro. Com base na análise destes resultados, o que pode sustentar estes valores é o facto de nos meios rurais ainda prevalecerem muito os valores patriarcais tão associados à violência no namoro e doméstica.

No ano de 2007, Fisher e seus colaboradores, conseguiram uma amostra de 596 alunos do ensino secundário para o seu estudo que tinha como objetivo analisar prevalência das relações abusivas. Desta amostra 39.6% dos elementos eram rapazes e 60.4% eram raparigas. Neste estudo os investigadores concluíram que 20.7% dos elementos encontravam-se numa relação íntima abusiva onde já tinham praticado algum tipo de abuso.

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

De seguida apontaremos alguns estudos realizados a nível nacional nesta área. Oliveira e Sani (2005) realizaram um estudo em contexto Português no ensino universitário, utilizando o IVC. A partir deste estudo foi possível, concluir que a percentagem dos jovens que já recorreu ao uso de violência no namoro pelo menos uma vez na vida varia entre os 14% e os 55%. Enquanto que os números relativos à vitimação encontram-se entre os 12% e os 42%. Ainda neste estudo no que concerne às relações de namoro passadas as autoras dizem que os números dos atos violentos cometidos diminuem para 33% face às relações de namoro atuais.

Já Mendes (2006) verificou que a vitimação aumenta para 21.5% em relação às relações atuais.

Também Costa e Sani, no seu estudo sobre o tema verificaram que o abuso físico menos severo e o psicológico são os mais verificados e que a violência mais gravosa apenas se encontra entre os 6%.

Rodrigues, (2007) apurou que o abuso sexual é de apenas 2%. Contudo 33% dos participantes referem já ter praticado algum tipo de ato de cariz sexual indesejado, enquanto 28.5% admitiram ter sido vítimas desse tipo de comportamentos forçados.

Um dos estudos mais elaborados e aprofundados do nosso país foi levado a cabo por Sónia Caridade, em 2011.

Neste estudo a autora trabalhou com uma vasta amostra de 4667 jovens estudantes do ensino profissional e do secundário, população universitária e, por fim, jovens que abandonaram a escolaridade, oriundos de vários pontos do país, cujas idades variam entre os 13 e os 29 anos. Os resultados demonstram que 19.5% dos inquiridos já sofreram violência emocional, 13.4% de violência física e 6.7% de agressões mais severas. Relativamente aos agressores, verificou-se que 22.4% admitiram ter recorrido à violência emocional, 18.1% à violência física e 7.3% a agressões mais severas.

A partir da análise destes números a autora verificou que as formas de violência menos severa são as que mais se verificam neste tipo de relação.

É ainda relevante referir que muitas vezes, o ciúme é tido como fator provocador do comportamento violento, da mesma forma que a vítima legitima esse mesmo comportamento devido ao ciúme, uma vez que o vê como demonstração de afeto.

Este estudo concluiu ainda, não existir uma grande assimetria quanto ao género, o que demonstra que ao contrário do que o senso comum pensa as mulheres também assumem papel de agressoras, recorrendo para isso à violência física e verbal nas suas relações. Porém estes números também podem ter a ver com o facto dos homens não assumirem tanto como as mulheres, a sua posição numa relação.

Como referido anteriormente, a violência no namoro poderá encerrar diferentes tipos de violência. A violência física traduz-se em atos violentos que podem comprometer a integridade física da vítima, tais como, por exemplo: uma estalada, puxar de cabelos ou pontapé.

O agressor faz uso da força física para demonstrar que está numa situação de poder para com a vítima minorando-a, e provocando danos físicos na mesma de forma propositada, (Cornelius & Resseguie, 2007).

Isto provoca na vítima uma baixa autoestima, que juntamente com o facto destas vítimas temerem pela sua própria integridade física, ficam muitas vezes dependentes dos companheiros (Hanley & O'Neill, 1997; Smith & Donnelly, 2001).

Para alguns autores (e.g., Hanley & O'Neill, 1997; Murphy & Cascardi, 1999; Murphy & Hoover, 2001), a violência psicológica ocorre quando o agressor faz uso de formas verbais e não-verbais com o propósito claro de intimidar, amedrontar e ameaçar com a intenção de aterrorizar a vítima, obrigando-a a agir de forma muitas vezes contrária à que esta gostaria.

A violência sexual nas relações de namoro pode funcionar como forma de coação para com a vítima, levando-a a praticar relações mais vezes do que era a sua vontade ou a participar em atos sexuais contra a sua vontade com o companheiro (Smith & Donnelly, 2001).

Estes autores, Smith e Donnelly, (2001) referem ainda que em relações abusivas, quer a nível físico, quer psicológico existem mais probabilidades de também acontecer o abuso sexual.

### **1.3. Fatores de risco para a violência no namoro**

Um fator de risco diz respeito a qualquer influência que faça com que aumente a probabilidade de aparecer uma determinada situação grave que possa ter repercussões a longo prazo na vida do indivíduo (Coie *et al.*, 1993).

Tanto na violência física como na psicológica e na sexual, os fatores de risco ajudam-nos a construir determinadas características de possíveis vítimas e/ou agressores, de seguida serão descritos os vários fatores de risco associados a esta problemática.

A violência no namoro partilha determinados fatores de risco que também fazem parte da violência doméstica, como referem os autores (Glass, Fredland, Campbell Yonas, Sharps, & Kub, 2003, Kaura & Allen, 2004).

Esses fatores de risco para melhor serem entendidos podem ser agrupados em diferentes categorias (Caridade, 2011): familiares (violência interpares, práticas parentais maltratantes, abuso sexual na infância), ambientais (grupo de pares, observar violência na comunidade), sociodemográficos (idade, género, etnia, nível socioeconómico, área de residência e práticas religiosas), intrapessoais (depressão, autoestima, comportamentos antissociais), interpessoais (satisfação relacional, estratégia de resolução de problemas, competências de comunicação, duração da relação e comprometimento emocional) e por fim os fatores de risco situacionais (álcool e/ou drogas), as quais passarei a analisar de seguida.

Vários autores (e.g., Roberts, Klein, Fisher, Taylor) estudaram os fatores intrínsecos e individuais do indivíduo para poderem perceber se este fator poderia ou não constituir um fator de risco. A depressão é uma patologia que muitas vezes está associada à baixa autoestima, e consequentemente a tentativas suicidas.

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

Concomitantemente, Roberts, Klein e Fisher (2003), referem que jovens com antecedentes de depressão e ideações suicidas tendem a ter mais probabilidade de sofrer de violência no namoro, dada a sua fragilidade psicológica e emocional.

Por sua vez, Sharpe e Taylor (1997), estudaram a relação entre autoestima e violência no namoro tanto para o género feminino como para o género masculino. E concluíram que mulheres com uma baixa autoestima têm grande probabilidade de serem vítimas, mas por outro lado também de serem ofensoras de violência física. Quanto ao género masculino, a probabilidade de vitimação mantém-se sendo que o que varia é o facto destes quando no papel de ofensores recorrerem mais ao uso da violência psicológica.

Relacionado com isto, está o facto de existirem ou não no passado comportamentos antissociais, que poderão ter implicações em episódios de violência física nas relações de namoro.

A violência familiar também poderá constituir um importante preditor da violência no namoro. Uma criança quando está exposta à violência familiar (interparental) ou é vítima da mesma interioriza esses valores e normas como aceitáveis e normativos, isto leva-nos à forma de transmissão intergeracional da violência. (Riggs & O'Leary, 1996). Quando uma criança vê os seus pais agredirem-se, neste caso as suas figuras modelo, o jovem enquanto criança interioriza essas normas morais e esses valores como sendo normativas e adequadas, isto funciona como refere a literatura como um forte preditor de violência no namoro (Dahlberg, 1998).

Um estudo que trabalhou neste sentido da investigação procurando justificar esta associação entre a violência interparental e a violência nas relações na intimidade, concluiu que a partir da amostra utilizada no estudo, metade dos intervenientes confessou que assistiu a violência interparental e que também eram vítimas nas relações de namoro (O'Keefe, 1986).

Da mesma forma de que quando uma criança cresce num ambiente familiar saudável onde existe uma adequada supervisão parental e praticas educativas coerentes,

estas crianças estão mais protegidas tornando-se mais resilientes em situação de confronto com drogas e álcool (Howard et al., 2003).

A supervisão parental desempenha um importante fator tanto protetor como de risco na sua ausência, uma vez que uma criança se desenvolve de forma mais equilibrada quando tem uma eficaz supervisão parental. Já que o facto dos pais não acompanharem os filhos de forma sistemática, faz com que estes não tenham conhecimento sobre a vida dos filhos, sobre as relações destes com o grupo de pares e sobre os seus relacionamentos íntimos, o que pode aumentar a violência no namoro uma vez que estes não têm controlo por parte dos pais (Chase, Treboux, & Leary, 2002).

Os autores acima referidos defendem que os jovens provenientes destas famílias não são mais vítimas nem perpetraram mais comportamentos violentos em relações íntimas de namoro do que os jovens que vivem em ambientes familiares onde a violência interparental não existe. Ainda acrescentam que estas crianças e jovens reprovam mais estas atitudes violentas que os outros de famílias menos violentas.

Para além da violência interparental de que temos estado a falar, a violência entre irmãos perfaz também um importante fator de risco para a violência no namoro. Simonelli e seus colaboradores (2002) sugerem que vítimas de violência quer física, quer psicológica ou sexual por parte dos irmãos, podem configurar numa maior probabilidade de que de futuro essa vítima possa exercer comportamentos abusivos para com o companheiro (a), já que interiorizou a violência como uma forma legítima de resolução de conflitos.

No que diz respeito aos fatores de risco ambientais, entendem-se como estando nesta categoria os fatores associados à influência do grupo de pares, e a observação da violência dentro da comunidade em que o indivíduo habita.

O grupo de pares tem um papel importantíssimo em toda a nossa vida, mais marcadamente na infância e adolescência, uma vez que é nesta fase que a nossa personalidade se vai formando e que temos necessidade de pertencer a um grupo. Muitas vezes os grupos de pares são formados nas escolas uma vez que é o local onde, após a família, se realiza a socialização do indivíduo e o primeiro contacto com as

regras de viver e trabalhar em grupo. Estes são importantes transmissores de normas e valores, acabando muitas vezes por funcionar como modelos para os membros do grupo mais do que propriamente os pais (Kinsfogel & Grych, 2004).

É exemplo disso mesmo, os jovens que são mais violentos e que utilizam a violência como forma de resolução de conflitos, normalmente atuam desta forma porque o seu grupo de pares reforça o seu comportamento não o recriminando, uma vez que se o fizesse este poderia diminuir. Estes jovens têm maior probabilidade de em relações futuras de intimidade também utilizarem esse tipo de comportamentos uma vez que vêem como legítima essa forma de atuar (O' Keefe, 2005).

Esta influência é de tal forma determinante nos comportamentos e na mentalidade de aceitação da violência, que surgiram estudos que trabalharam a influência deste fator nos comportamentos dos jovens. Os autores defendiam que quando um jovem pertence a um grupo onde os indivíduos tenham tido contacto com a violência no namoro, esta exposição caracteriza um fator de risco para que este possa também vir a ter contacto com esta problemática tanto como vítima como agressor (Arriaga & Foshee, 2004; Gwartney-Gibbs, Stockard, & Bohmer, 1987; Kinsfogel & Grych, 2004; Tontodonato & Crew, 1992).

Da mesma forma que o grupo de pares influencia o indivíduo, a comunidade que o envolve também lhe transmite regras, costumes e formas de estar umas vezes em oposição a situações violentas, outras a favor das mesmas. Os fatores de risco comunitários têm grande influência na violência no namoro, uma vez que, todos nós vivemos numa comunidade com determinadas características próprias.

Esta problemática, por vezes, ocorre porque a comunidade não impõe sanções aos indivíduos que pratiquem atos violentos, limitando-se muitas vezes a desvalorizar a violência já que para os seus constituintes, a violência é a forma de resolução de conflitos mais utilizada e dita normal.

Em determinadas situações o fraco vínculo social e a alta densidade populacional, aliados à forte migração para locais como as cidades, levam a que o

desemprego e a falta de oportunidades sejam mais evidentes. Dado que é nos grandes centros urbanos que se verificam as maiores diferenças sociais (Zuma, 2005).

Isto faz com que os jovens estejam mais susceptíveis à falta de supervisão parental, passando mais tempo sozinhos, estando mais expostos a perigos, tais como, por exemplo: o tráfico de drogas que lhes proporciona dinheiro fácil.

As questões culturais também têm um determinado peso nos fatores de risco para a violência no namoro, uma vez que as normas patriarcais, a desigualdade de género, as assimetrias de poder dentro de uma relação e a legitimação de violência por parte da família e da comunidade que envolve o indivíduo são tidos como fatores de risco, isto porque, durante décadas a nossa sociedade foi estruturada de forma a que o homem fosse o sustento e a figura de poder dentro de casa (Matos, 2006)

Neste tipo de relações onde um dos parceiros, normalmente o homem, assume um papel de poder e de posse para como os outros membros da família, ocorre uma desigualdade de género, uma vez que a mulher não possui qualquer tipo de liberdade ou de valor, o que configura numa relação assimétrica. Esta posição de poder de um dos membros casal pode levar a que existam mais situações de violência (Matos, 2006).

Quando isto acontece e existindo já no seio da família descendentes, estes através da visualização destes comportamentos vão moldando a sua personalidade e comportamentos no sentido da legitimação da violência (Matos, 2002).

Dentro dos fatores sociodemográficos, podemos encontrar várias variáveis que podem incorrer em fator de risco para esta problemática nomeadamente a idade.

Quanto à variável idade, apenas se encontram diferenças ao nível da violência emocional, quando se trata da violência física e física severa esta diferença etária não se verifica (Caridade, 2004).

Já relativamente ao género também tem sido uma variável estudada no sentido de se tentar perceber até que ponto constitui um fator de risco. É por isto que as teorias feministas apontam que muitas vezes a violência sexual nestes casais não se verifica

pelo facto de o homem querer obter prazer no ato, mas sim para marcar a sua posição de domínio para com a mulher (Jasinski, 2002).

Outro estudo do autor, O'Keefe, (1997), onde este analisou a diferença de género, demonstra que a violência quando perpetrada por mulheres é mais de ordem situacional, enquanto que a violência realizada pelos homens tem mais a ver com o seu historial de vida violento.

Já a autora Caridade, (2011), refere que os níveis de violência sofrida e realizada para com o companheiro (a) encontram-se ao mesmo nível o que nos leva a concluir que na violência no namoro a violência ocorre de forma mais recíproca.

Contudo a nível da vitimação sexual, os autores, Carr & VanDeusen (1994), referem que os rapazes são em maior número os perpetradores deste tipo de violência graças a sua interiorização de crenças e normas sobre a sexualidade.

Passando agora a outro fator de risco ainda dentro deste tópico, o facto de pertencer a uma minoria étnica já por si só tem um resultado de afastamento da comunidade onde se insere o individuo podendo isso levar á falta de oportunidades e discriminação.

Para além do género e da idade da possível vítima ou do possível ofensor, o seu nível socioeconómico também tem sido alvo da investigação de vários autores no sentido de verificarem se esta variável traduz num fator de risco para esta problemática.

Assim o nível económico também pode ser determinante enquanto fator de risco para a violência no namoro, contudo os estudos referentes ao mesmo, tanto atribuem importância ao estatuto socioeconómico, como não veem no mesmo importância ou casualidade para com a violência nas relações íntimas.

A relação deste fator com este tipo de ocorrência tem vindo a ser estudado mas à semelhança de outros temas têm tido resultados diferentes. Uma vez que cada caso é um caso e as pessoas são todas diferentes e encaram a mesma situação de maneira diferente

sendo que o nível socioeconómico pode muitas vezes não ter relação direta com o comportamento desviante.

Aliado a situação socioeconómica, está também a área de residência do indivíduo. Assim as características da área urbana configuram para alguns autores um fator de risco (cf. Vézina & Hébert, 2007).

Há estudos que demonstram que os jovens que habitam em locais citadinos têm níveis mais elevados de violência do que os jovens que habitam em locais mais rurais. Isto pode ser explicado por todas as características inerentes à cidade, sendo que nesta existem muito mais estímulos tanto para os comportamentos normativos, como para os comportamentos não normativos (Lane & Gwartney- Gibbs, 1985).

Ainda nos locais mais citadinos e recorrendo à Escola de Chicago que refere a importância da disposição urbanística no crime e nos comportamentos desviantes também é importante referir que a quando da grande migração para as cidades as pessoas foram-se agrupando segundo muitas vezes a sua condição socioeconómica. Dado ter ocorrido em grande escala esta migração houve uma parte da população que não teve as mesmas oportunidades sociais que os outros ficando assim segregados em bairros degradados e sem trabalho.

Em 2000, Spencer e Bryant, verificaram que é no contexto mais rural que se encontram mais pessoas vítimas de violência no namoro do que nas zonas citadinas.

Os fatores interpessoais dizem respeito à interação do sujeito com os outros, tanto numa relação de namoro como na sua relação do dia-a-dia com amigos e outros.

O número de parceiros também encera em si um preditor para a violência sexual, isto é quanto mais parceiros os jovens tiverem mais probabilidade têm de sofrerem vitimação sexual uma vez que estão mais expostos ao risco sobretudo em relação as raparigas, (O'Keef & Treister, 1998).

Estudos demonstram que quanto maior for o envolvimento emocional do jovem maior é a tolerância por parte dos parceiros em relação à violência (Cate *et al.*, 1983 cit in Caridade, 2011).

Existem fatores que podem agravar os comportamentos violentos levando a precipitação dos mesmos, sendo eles: o consumo de álcool, défices comportamentais e psicopatologia. O álcool e as drogas são substâncias desinibidoras, isto faz com que o jovem passe mais depressa ao ato.

Ainda os défices comportamentais aliados a uma possível psicopatologia realizam um forte fator de agravamento do comportamento. Estas duas situações por se caracterizarem como patologias mentais necessitam de apoio médico e psicológico para ajudar o indivíduo a controlar os seus comportamentos (Loeber e Farrington, 2001).

O facto de algumas influências externas condicionarem e influenciarem os comportamentos dos indivíduos leva a que muitas vezes estes tomem atitudes motivados por esses mesmos fatores situacionais, como é o exemplo das drogas e do álcool, uma vez que muitas vezes os fator desencadeadores e desinibidores da agressão são esses, embora o sujeito já tenha que ter intenção de realizar aquele comportamento contudo muitas vezes por falta de coragem toma drogas, (Marx, Wie, & Gross, 1996).

#### **1.4. Ciclo da violência e dinâmicas abusivas nas relações de namoro**

As autoras Nascimento- Gomes e Cordeiro (2009) fazem referência à dinâmica da violência no namoro, onde propõem a existência de três posicionamentos distintos, apelidando o primeiro como, simetria na violência no namoro, ciúme como forma de justificação para a violência exercida e assimetria nas relações de género. Isto é, a violência é exercida por ambos os membros do casal, sendo que o que varia é a frequência, os objetivos e as consequências. Contudo as autoras referem que o facto de um elemento do casal assumir uma posição de poder pode despoletar e aumentar situações de violência, fator comum na dinâmica da violência doméstica.

## Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro

No que concerne aos danos causados por esta violência, os dados revelam que as mulheres são quem mais apresenta este tipo de mazelas (Kerman & Powers, 2006; Medeiros & Straus, 2006; Straus, 2004).

O segundo posicionamento, refere-se ao ciúme como forma de justificação para a violência exercida. Acontece não raras vezes este tipo de atos violentos serem justificados como sendo uma demonstração de afeto e amor. Neste campo, cada género percebe a violência de forma diferente. Enquanto que as mulheres veem a violência como sendo uma forma de intimidação, os homens defendem que tomam atitudes violentas como forma de resposta a comportamentos tidos pelo sexo feminino (Gagne & Lavoie, 1993 *cit in* Caridade & Machado, 2006).

Por último, a assimetria das relações de género: nesta o que se verifica é que nas relações violentas não existe uma posição simétrica onde os dois elementos têm o mesmo peso e a mesma posição na relação, quase sempre existe um membro que assume uma posição de domínio e poder para com o outro, o que aumenta a tensão e consequentemente os momentos de violência (Matos, 2006).

As autoras Nascimento- Gomes e Cordeiro chamam à atenção para o que, no entender das mesmas se denomina de manual de namoro. Neste os elementos do casal colocam as atitudes que podem ou não ter naquela relação. Uma vez quebradas essas normas pré-acordadas, a tensão entre o casal aumenta e ocorre a discussão entre o casal (ciclo de violência). Este estudo veio corroborar outros estudos que revelam que o ciúme é visto como uma demonstração de afeto e justificação para comportamentos violentos (Caridade, 2011).

Vários estudos demonstram que esta realidade está de facto interligada com a violência doméstica. Uma vez que as vítimas de violência doméstica assumem que em relações íntimas de namoro também elas eram vítimas de atos de violência por parte do namorado (Gómez, Méndez-Valdivia, Izquierdo, Muñiz; Díaz, Herrero & Coto, 2002).

Matos (2006) refere que nas relações mais prolongadas tendem a intensificar-se os atos de violência no namoro, o que por si só é um preditor de violência doméstica, já

que há mais probabilidade que esta ocorra num ambiente de coabitação (*cit in* Caridade & Machado, 2006).

### **1.5. Impacto e consequências da violência no namoro**

Todos estes episódios de violência, sejam eles de que natureza for, acarretam consequências para as vítimas, podendo estas ser a curto, como a longo prazo (Glass et al., 2003).

De todos os tipos de violência que podem ocorrer numa relação, os estudos demonstram que em relação à existência de violência física e psicológica, a última deixa marcas mais profundas na vítima do que a violência física, uma vez que a psicológica é muitas vezes exercida diariamente e sobre forma de ameaça (Coker & Davis, 2001).

Alguns estudos (e.g., Follingstad, Rutledge, Berg, Hause, & Polek 1990) referem que 70% da amostra utilizada para o efeito indicam que as consequências da violência psicológica são mais gravosas do que da violência física, podendo ocorrer ao nível biopsicológico (Manita, 2007).

As consequências poderão ir desde: disfunções alimentares, comportamentos de risco (abuso de álcool, abuso de drogas,), perturbações emocionais (stress pós-traumático, evitamento e ou isolamento social, fobias, ataques de pânico, ideação suicida, depressão, alterações de imagem corporal, disfunções sexuais), hipervigilância, perturbação do sono, vulnerabilidade e dependência emocional, passividade, desânimo, distúrbios cognitivos, distúrbios de memória, redução da autoestima, redução do autoconceito negativo, danos cerebrais irreversíveis por vezes e por fim o medo (Manita, 2007).

### **1.6. Cultura de prevenção da violência no namoro**

Para fundamentar teoricamente o programa de prevenção sobre a violência no namoro foi realizado um levantamento sobre alguns dos programas de prevenção já implementados acerca desta temática.

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

Nesta área foram sendo realizados vários estudos, sobretudo ao nível internacional que nos dão conta da prevalência deste tipo de problemática principalmente nos EUA, onde se realizaram e realizam a maior parte dos estudos. Contudo, em Portugal há já alguns autores, embora poucos, que nos avançam com alguns trabalhos neste sentido.

Saavedra (2010) realizou uma exaustiva revisão bibliográfica onde se podem encontrar diversos programas de prevenção já implementados tanto a nível nacional como internacional.

Os vários estudos reforçam a ideia de que quanto mais precocemente atuarmos na prevenção neste campo melhores resultados teremos. E ao educar logo de início as crianças e os jovens, estamos também a evitar que futuros comportamentos desta natureza aconteçam uma vez que a violência no namoro é um impulsionador para no futuro em relações maritais aconteça a violência doméstica (Carlson, 1987; Frieze, 2000; O'Leary et al., 1989, Smith & Dounelly, 2001). De seguida, descreveremos alguns programas os quais consideramos serem os mais pertinentes para melhor compreensão deste fenómeno.

Jaffe, Sudermann, Reitzel e Killip (1992), estruturaram e criaram um programa de prevenção primária. Este programa contou com uma amostra de 737 jovens selecionados a partir da seleção de quatro escolas de forma aleatória, entre os 12 e os 18 anos de idade, tendo sido aplicado na escola, por técnicos da comunidade e outros. A partir desta amostra, os investigadores dividiram a mesma em dois grupos, sendo que se aplicou num grupo um programa de intervenção com a duração de meio-dia e no outro grupo uma sessão com duração de um dia. Os objetivos deste programa eram sobretudo abordar os seguintes temas: as diferenças de género e de papéis, que muitas vezes estão interiorizadas e podem levar à violência no namoro por se crer que são normativas, dar a conhecer a problemática da violência no namoro, para que os jovens vejam esclarecidas algumas crenças, também foi objetivo desenvolver as competências de comunicação e de resolução de conflitos e por fim foi dado a conhecer os recursos comunitários existentes. As atividades inerentes a este programa foram: a dramatização, a visualização de vídeos e o convívio com convidados para comunicar acerca do tema. Decorrente deste programa foi feito um pré e um pós-teste com recurso ao autorrelato.

### **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

Seis semanas depois de o programa terminar foi aplicado um questionário (com função follow-up) no sentido de apurar se tinham ocorrido algumas mudanças. O que se concluiu foi que o conhecimento dos intervenientes acerca do tema, bem como, as suas atitudes sofreram mudanças positivas, sobretudo dos participantes do sexo feminino, o que corrobora outros que referem que o sexo feminino regista mais mudanças positivas do que os rapazes.

Lavoie e seus colaboradores (1995) desenvolveram um programa de prevenção primária, do tipo experimental, o qual aplicaram em contexto escolar. Programa esse que foi dividido em duas sessões, sendo que uma teve a duração de 60 a 75 minutos e a segunda entre 120 a 150 minutos. Para tal utilizaram uma amostra de 500 elementos com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Neste foram trabalhados temas tais como: as diferenças de género, bem como lhes foi dada informação acerca desta problemática e das respetivas causas. Quando comparadas as duas sessões, concluiu-se que a que teve uma duração mais curta (onde eram discutidas as questões de controlo numa relação e os direitos individuais de cada indivíduo quando estão numa relação), teve melhores resultados a nível de conhecimento do fenómeno que os que receberam de duração mais extenso (e que envolviam atividades tais como visualização de um filme sobre a problemática, os alunos escreverem cartas a um agressor imaginário e a uma vítima também ela imaginária). Relativamente ao género, as raparigas têm mais consciência do que é a violência no namoro do que os rapazes, demonstrando-se esses valores tanto nos pré como nos pós testes.

No programa dos autores Foshee et al (1996, 1998), estes criaram um programa denominado de Safe Dates. Este programa foi direccionado para a escola e a comunidade, onde a população alvo foram jovens entre os 12 e os 18 anos respectivamente perfazendo um total de 1700 alunos envolvidos. O Safe Dates foi aplicado durante cinco meses, sendo dividido por dez sessões onde avaliaram algumas variáveis tais como: informar sobre o tema, dar a conhecer os principais conceitos desta problemática, desenvolver competências de resolução de conflitos de forma não violenta e desenvolver competências de comunicação que podem prevenir comportamentos violentos, e por fim também foi dado a conhecer os recursos existentes na comunidade. Para conseguirem atingir estes objetivos, os mesmos autores, utilizaram métodos como: a dramatização que desenvolve a empatia, a discussão em grupo que

### **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

desenvolve as competências de comunicação e um concurso de posters. Neste programa, os autores tentaram analisar várias variáveis no sentido de perceberem a sua relação com a violência no namoro, nomeadamente a variável física, psicológica, bem como, a sexual. Para além destas, os investigadores tentaram verificar o grau de aceitação das normas prescritas e proscritas, analisando também o conhecimento dos jovens relativamente às consequências deste tipo de violência, tanto as negativas como as positivas. Ainda foi explorado neste programa os estereótipos de género que podem ser preditores de violência, a crença da necessidade de ajuda numa situação destas, foi-lhes também transmitida informação necessária para que tivessem conhecimento dos recursos existentes e que se encontram disponíveis para os apoiar e por fim a capacidade de comunicação (capacidade essa que quando bem explorada permite aos membros do casal falarem sobre os seus sentimentos evitando situações de violência) e finalmente a resposta a agressividade. Este programa teve a duração de um mês e após a sua implementação verificou-se um decréscimo relativamente a todos os tipos de abuso (físico, psicológico e sexual).

Em 1997, Avery- Leaf, Cascardi, O'Leary e Cano, criaram um programa de prevenção do tipo quasi-experimental, com duração de cinco sessões, apresentando os seguintes objetivos: i) promover a igualdade dentro das relações de namoro, (demonstrando que podem existir consequências negativas resultantes dessa desigualdade), ii) dar a conhecer os principais conceitos acerca desta problemática, iii) demonstrar as soluções não violentas para a resolução de conflitos nas relações, desenvolvendo comportamentos prosociais e iv) dar a conhecer os recursos da comunidade aos quais as vítimas e os agressores podem recorrer. Este programa foi implementado nas aulas de saúde por professores sensibilizados e formados para atuar perante uma situação desta natureza. A amostra era constituída por 191 elementos com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, para a recolha dos dados foi utilizado o instrumento de autorrelato, para verificar as taxas de vitimação e agressão. No fim das 5 sessões foi aplicado o pós-teste, dado o período de tempo decorrente entre as sessões e o pós-teste ter sido muito curto, os valores que resultaram do estudo não demonstram com clareza que no futuro os comportamentos violentos não se voltem a realizar. O que nos permite concluir que deve existir um período de tempo entre o fim do programa e a aplicação do pós-teste, para se verificar se as mudanças ocorridas se devem à implementação do programa ou a fatores externos alheios ao mesmo.

### **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

Em 1999, Sousa, desenvolveu o programa de Prevenção (TDVPIP), tendo como principal objetivo educar os alunos para o problema. Para tal o autor tencionava que as vítimas identificassem os pares como potenciais redes de apoio e que tivessem confiança para desabafar acerca do problema, bem como, promover a política de tolerância zero acerca da violência no namoro em contexto escolar. Deste programa faziam parte algumas atividades tais como: a discussão em sala de aula (desenvolvimento de competências de comunicação); as dramatizações (desenvolvimento da empatia); a presença de oradores convidados; a existência de grupos de apoio às vítimas e por fim e mais importante sensibilizar a escola para políticas contra a violência. Este programa encontra-se em vigor desde 2004, porém os dados empíricos existentes não permitem concluir que as mudanças ocorridas se devem a este programa e a sua intervenção.

Também Wolfe e seus colaboradores (2003) construíram um programa de prevenção intitulado de Youth Relationship Project (YRP), destinado à escola e à comunidade. Este foi aplicado por técnicos da comunidade. Para a sua amostra utilizaram 191 elementos (que já têm historial de violência na família o que faz deles pessoas onde o fator de risco para a violência no namoro já está presente e outros indivíduos escolhidos de forma aleatória), dentro da faixa etária dos 12 aos 18 anos. O programa encontra-se dividido por 18 sessões cada uma com a duração de duas horas. E a amostra era subdivida em 96 dos participantes de intervenção e 62 em grupo de controlo. Os seus principais objetivos eram: educar e consciencializar os jovens para as dinâmicas violentas e de abuso de poder no namoro, ainda desenvolver as capacidades sociais e interpessoais, as competências de comunicação e de resolução de conflitos, desmistificar crenças e mitos sobre o tema para além destes também se pretendeu promover estratégias de segurança e informar os jovens de todos os recursos comunitários disponíveis. Para tal foram utilizadas atividades tais como: a visualização de filmes, a presença de convidados e a realização de visitas de estudo. A partir deste programa o autor concluiu que os jovens que participaram tinham diminuído o seu índice tanto de vitimação como de perpretação, melhorando também as suas capacidades de interação relacional, bem como houve uma diminuição dos sentimentos de angústia das vítimas.

## **II Capítulo: Avaliação de um programa breve de prevenção da violência no namoro**

### **2.1. Objetivos**

Com este estudo quantitativo, o que se pretende é desmistificar possíveis crenças acerca da violência no namoro, bem como prevenir possíveis comportamentos violentos em futuras relações íntimas. De forma mais específica, pretende-se: *i) Promover competências de resolução de conflitos; ii) Consciencializar para as dinâmicas na violência no namoro; iii) Desmistificar crenças e mitos; iv) Promover comportamentos prosociais; v) Promover a denúncia deste problema.*

### **2.2. Metodologia**

O presente programa trata-se de uma investigação/ação, isto porque no cerne do seu desenvolvimento está a realização de um programa de prevenção que na realidade não foi implementado mas que foi projetado de forma a que no futuro se possa implementar, tornando-se assim a sua aplicação na ação desenvolvida.

Antes de mais, ao ponderarmos e analisarmos o tipo de método de investigação que iríamos utilizar realizámos um levantamento ao nível da literatura e chegámos à conclusão que seria o método pré-experimental, uma vez que não poderia ser o experimental já que a nossa amostra não foi escolhida aleatoriamente, mas sim por conveniência.

O principal objetivo deste programa será a avaliar o impacto do mesmo nas atitudes dos jovens para isso será aplicado um pré e um pós teste. Para além disto será utilizado o método quantitativo uma vez que utilizaremos os questionários como forma de recolha de dados, dados estes que serão tratados posteriormente no programa estatísticos IBM SPSS (Statistical Product and Service Solutions).

### 2.3. Participantes

A nossa amostra será constituída por alunos de uma escola secundária de Estarreja, nomeadamente duas turmas de cada ano respectivamente (do 7.º ano ao 12.º ano de escolaridade) esta amostra será escolhida por conveniência, isto é as turmas participantes serão as que demonstrem mais abertura e disponibilidade para participar. Assim a nossa amostra terá idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos sensivelmente, este intervalo etário foi escolhido com base na literatura do tema, uma vez que a grande maioria destes programas já implementados trabalham com uma amostra de jovens com estas idades e ainda porque a adolescência apesar de ser uma fase propícia à envolvimento de comportamentos de risco, também é por outro lado uma fase onde a educação e o desenvolvimento das competências relacionais resulta da melhor forma, (Galambos, 1998).

O objetivo é implementar o programa numa só turma de cada ano e na outra que não se implementa o programa aplicar-se-á na mesma os instrumentos antes e depois da aplicação do programa de forma a verificar se os valores se alteraram devido à implementação do mesmo ou a fatores externos

### 2.4. Recursos e materiais

Dado que os nossos objetivos se prendem em compreender e desmistificar as crenças associadas à violência no namoro, bem como informar acerca da mesma, considerámos que os instrumentos mais adequados para a recolha destes elementos seriam: o ECVC- Escala de Crenças em relação à Violência Conjugal (Machado, Matos, & Gonçalves, 2008) (cf. Anexo 1) e o IVC- Inventário da Violência Conjugal (Matos, Machado, & Gonçalves, 2000), (cf. Anexo 2).

Este tipo de inquéritos vai-nos permitir avaliar num primeiro momento as crenças dos jovens e o tipo de comportamentos presentes no âmbito das suas relações íntimas.

Após a realização desta recolha de dados, e posteriormente à implementação do programa será realizada novamente aplicação destes dois instrumentos com o intuito de aferir as mudanças resultantes.

## **2.5. Procedimentos**

Como já explanado na parte teórica, a violência no namoro tem vindo a ganhar algum destaque social e na comunidade científica que não obtinha há relativamente poucos anos atrás.

Em primeiro lugar para realizarmos este programa será necessário elaborar um pedido de autorização à DREC (Direção Regional de Educação do Centro), pedido esse devidamente acompanhado do presente programa de prevenção no sentido de obtermos a autorização para a recolha de dados na amostra selecionada.

O passo seguinte e após a resposta positiva por parte da DREC será enviar uma carta de pedido de colaboração à escola secundária (cf. Anexo 3) em questão, uma vez que o programa decorrerá neste espaço e com alunos da mesma.

Posteriormente ao contacto efetuado para com esta escola e sendo o feedback positivo, serão escolhidas as turmas, quando estas já estiverem selecionadas entraremos em contacto com os pais dos respectivos alunos através da realização de um pedido de consentimento informado (cf. Anexo 4) no sentido destes puderem ou não participar neste programa, uma vez que a maioria destes jovens são menores de idade e necessitam de autorização dos encarregados de educação para a recolha de dados.

Este pedido contem os objetivos e respectivos instrumentos utilizados neste programa de prevenção, assim como serão informados que a recolha destes dados será realizada de forma a que o anonimato dos mesmos esteja assegurada.

Para além do contacto com os pais dos alunos, será realizado o contacto com os professores de cada turma que irão colaborar no programa, (no sentido de os informar acerca do mesmo).

## Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro

De seguida será requisitada uma sala onde cada turma irá participar no programa, tanto o grupo experimental como o de controlo. Uma vez que o grupo experimental vai ser a amostra onde efetivamente vai incidir o programa (cf. Anexo 5) e por outro lado, a turma do grupo de controlo será aquela onde só iremos aplicar o pré-teste e o pós-teste, não havendo a intervenção do programa no sentido de verificar se as alterações atitudinais que se esperam que ocorram sejam devido à aplicação do mesmo ou a fatores externos.

Para além da sala foi importante requisitar um computador e um retroprojector para que a projeção do material em *power point* fosse facilmente perceptível em toda a sala de aula, ainda foi pedida a colaboração desta escola em questão para subsidiar os custos com todas as fotocópias necessárias ao programa (dos pré-teste e pós-teste e dos consentimentos informados).

Dado isto, ocorreu o início da aplicação dos inquéritos supra mencionados em ambas as turmas de cada ano (grupo experimental e de controlo), aplicação do pré-teste decorrerá durante cerca de 10 minutos. Sendo que a primeira turma a receber a intervenção será sempre a experimental, que iniciará por volta das oito e trinta da manhã e terminará por volta das 10 da manhã perfazendo um total de 90 minutos a duração do programa.

Sendo que a primeira parte da aplicação do programa consiste na exposição de conteúdos acerca desta problemática no sentido de consciencializar e informar os jovens acerca deste fenómeno, posteriormente serão expostos vários mitos, mitos esses que os jovens através da discussão em sala de aula (role play), terão que identificar como sendo mitos ou factos reais. Este exercício terá a duração de 25 minutos e serve para que estes aprendam a melhorar a sua capacidade de comunicação e de aceitação da opinião do outro, da mesma forma que permite fomentar o desenvolvimento das seguintes competências: Comunicação, comportamento relacional, assumir responsabilidades, tomada de decisões e o desenvolvimento de competências no sentido da resolução de conflitos de forma não violenta (Garcia e Peláez 2008).

Quando dermos por terminada esta atividade seguir-se-á a próxima que é a visualização de um filme que retrata a dinâmica abusiva de uma relação de namoro da

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

APAV, este vídeo serve para que os jovens uma vez mais discutam e debatam o tema em sala de aula e em grupo (terá a duração de 25 minutos).

Por último e com base neste vídeo será pedido aos alunos que formem pequenos grupos e que realizem uma pequena peça de improviso onde o tema principal será a violência no namoro. Com esta atividade o esperado é que o jovem potencial agressor se coloque no papel da vítima e vice-versa, tentando desenvolver a sua capacidade de empatia que como sabemos é a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, tomando consciência que os nossos atos podem invadir a liberdade do outro prejudicando-o abusivamente de certa forma (decorrerá durante 40 minutos), para finalizar o nosso programa será aplicado o pós-teste que à semelhança do pré-teste é constituído pelo ECVC e pelo IVC).

Na parte da tarde desse mesmo dia, serão aplicados os pré-testes no grupo de controlo de cada turma, (ou seja a implementação do programa e recolha de dados no grupo controlo será realizada no mesmo dia, sendo que cada dia corresponderá a um nível de escolaridade) tendo o seu início o pré-teste sensivelmente às 13 horas (e durante 10 minutos) e a aplicação do pós teste será realizada por volta das 14 e 30 (durante 10 minutos também) de forma a que o intervalo de tempo decorrente do pré e pós teste seja igual nos dois grupos.

### **2.6 Tratamento dos dados**

Após a recolha dos dados em cada inquérito de ambos os grupos de cada ano antes e após o programa, estes serão tratados no programa de computador SPSS, que nos ajudará a verificar as percentagens de cada variável avaliada nos instrumentos, bem como as alterações verificadas se existirem decorrentes do programa.

### **2.7 Apresentação e discussão de resultados**

No que respeita aos resultados esperados, apoiaremos os mesmos na revisão bibliográfica e nos resultados de outros programas que atuaram sobre a prevenção primária neste tipo de abuso. Assim os resultados advinham-se em muito idênticos aos já referidos. A partir do levantamento de dados realizado na primeira fase do projeto,

## **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

através dos instrumentos antes mencionados, é espectável que apesar de toda a difusão de informação e de disponibilidade de meios onde os jovens se podem informar sobre as mais diversas áreas nomeadamente sobre este tipo de violência, que se preveja que os jovens possuam ideias erradas e mitos acerca deste tema.

O nosso programa tal como o título indica é um breve programa de sensibilização/prevenção da violência no namoro daí que o nosso objetivo seja tentar alterar atitudes e não comportamentos já que esses para se consigam mudar são necessários programas mais extensos.

Um exemplo disso mesmo são os programas STAR e o The Youth Relationships Project. Estes programas atuaram durante um período mais longo o que permitiu a mudança de comportamentos nos jovens. Concomitantemente, aos tipos de violência a física e a psicológica são as que se esperam prevalecer em maior número seguidas do abuso sexual (Caridade, 2011).

Ainda através da recolha de dados é esperado que os alunos na sua maioria não apontem a violência como forma normativa de resolução de conflitos (Machado, Caridade, & Martins, 2009).

Dentro deste tópico, Caridade, (2011) refere que o abuso emocional é o que possui maior número de registos, daí que esperamos que seja a mais referenciada nos nossos resultados. Como já foi possível observar na parte teórica acima explanada, a diferença de género nas relações pode levar a comportamentos violentos dentro de uma relação. A informação que esperamos recolher a este nível não passa por uma notória diferença de papéis de género uma vez que neste tipo de relações íntimas não existe uma grande assimetria de poder, nem de género, sendo que a violência ocorre muitas vezes de forma igualitária.

A quando da realização do pós-teste onde se fará recurso dos mesmos instrumentos, é provável que os resultados obtidos sejam no sentido de que o género feminino apresente

mais mudanças do que os rapazes (Jaffe, Suderman, Reitzel, & Kellip, 1992).

Relativamente aos tipos de abuso após a realização do programa espera-se que todos os tipos de abusos diminuam corroborando os resultados obtidos pelo programa de prevenção dos autores (Foshee et al., 1996, 1998).

A nosso ver e decorrente dos resultados obtidos na literatura verificam-se sempre mudanças positivas após a aplicação deste tipo de programa o que nos indica a necessidade e a eficácia dos mesmos. Contudo também é possível aferir que os resultados mais proveitosos apareçam nos programas com uma duração mais extensa.

Muitas das vezes, este tipo de prevenção não ocorre por falta de apoios para os gastos inerentes ao programa. Já que os técnicos envolvidos e os materiais podem ter um peso significativo a nível financeiro, daí que consideramos que se deveriam criar mais parcerias para que em conjunto fosse mais fácil disseminar este tipo de intervenção por todas as escolas, desde as do 1.º ciclo até ao secundário, de forma a que a política preventiva se enraíze nas crianças e jovens que cresceriam munidos de ferramentas de proteção contra este tipo de abuso.

Para minimizar estas dificuldades de aplicação dos programas também seria viável emparelhar este tipo de iniciativas a outras já existentes como uma comunidade desportiva ou de lazer no sentido de mobilizar a comunidade escola e família, pois nunca nos esqueçamos de que o jovem é o resultado da aprendizagem familiar e social da escola com o grupo de pares, desta forma estaríamos a trabalhar estes três pilares fundamentais no desenvolvimento de uma criança saudável.

### **3. Conclusão**

Concluimos fazendo um balanço geral dos resultados esperados no nosso programa. Como já havíamos referido anteriormente, as participantes do género feminino têm maior probabilidade de apresentem mais mudanças do que os rapazes (Jaffe et al., 1992).

## Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro

Decidimos ilustrar o estudo dirigido pela autora, Caridade, (2006) uma vez que esta é das poucas autoras portuguesas que se debruçou de forma aprofundada sobre este problema. No seu estudo, demonstrou que os jovens mais informados e mais formados academicamente são os que mais reconhecerem o recurso à violência no âmbito das suas relações íntimas. Do mesmo modo, este estudo apurou que, que ao contrário da violência doméstica, na violência no namoro não se verifica marcadamente uma assimetria de género, sendo que as raparigas assumem em maior número o recurso à agressão, assim como também surgem como sendo as principais de vítimas. Isto pode ocorrer pelo facto destas responderem aos questionários de forma mais sincera do que os rapazes.

Mais a idade dos membros do casal também representou neste estudo valores distintos, sendo que, quanto mais novos estes são, mais tendência dos mesmos para desvalorizarem e legitimarem atitudes de abuso neste tipo de relações. Ao nível social e corroborando os fatores de risco socioeconómicos, esta autora defende que os indivíduos que pertencem a grupos sociais mais baixos possuem mais crenças em relação a este fenómeno (Caridade, 2011).

Tais conclusões levam-nos a esperar que no nosso estudo, os alunos do secundário obtenham mais resultados negativos (quando nos referimos a resultados negativos queremos com isto dizer que estes alunos serão os que apresentarão maior recurso ao uso de violência nas relações de namoro) relativamente ao uso de violência em detrimento dos mais novos que dada a sua imaturidade desvalorizam esses episódios.

Como sùmula de todos os estudos já referidos anteriormente e no decorrer do nosso trabalho sabemos de antemão que estes programas surtem efeitos positivos que mais tarde resultarão em mudanças de atitudes e numa possível redução dos números de relações violentas, uma vez que os jovens já se encontram informados sobre as dinâmicas deste abuso e sobre os recursos comunitários aos quais podem recorrer.

Durante a elaboração deste programa foi-nos possível verificar que existem várias limitações inerentes a um programa desta natureza, desde logo o facto de não poder realizar um *follow-up* não permite aferir se passado um período de tempo mais

### **Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

alargado as mudanças atitudinais ainda se mantêm ou, se pelo contrário, os resultados foram reflexo da memorização da informação exposta durante a intervenção. Ainda resultam como limitações o facto deste programa ser muito breve o que não nos permite aferir mudanças comportamentais, também a idade dos intervenientes da amostra poderá resultar numa limitação já que sendo estes na sua grande maioria menores de idade existe a necessidade de pedir aos pais o consentimento informado que estes podem não aceitar e por fim o fator monetário pois um programa desta natureza envolve custos que as escolas podem não poder suportar sem parcerias.

#### 4. Referências bibliográficas

APAV (2010). “Contributo da APAV-Associação Portuguesa de Apoio à Vítima para o plano Nacional de Saúde 2011-2016”.

Arriaga, X.B., & Foshee, V.A. (2004). “Adolescent dating violence. Do adolescents follow in their friends or their parents, footsteps?” *Journal of interpersonal violence*, 19, 162-184.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [Em linha]. Disponível em <w.w.w.Apav.pt > [Consultado em 01 de Agosto de 2012]

Avery-Leaf, S., Cascardi, M., O’Leary, K.D., & Cano, A.(1997). “Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression.” *Journal of Adolescent Health*, 21, 11-17.

Basile, K.C., *et alli.* (2006). “The Association between self-reported lifetime history of forced sexual intercourse and recent health-risk behavior survey. “*Journal of Adolescent Health*, 39, 1-7.

Caridade S. (2011). “*Vivências Íntimas Violentas, Uma Abordagem Científica*”. Coimbra: Edições Almedina.

Chase, K.A., Treboux, D.,& O’Leary, K.d.(2002). “Characteristics of high-risk adolescent’s dating violence.” *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 33- 49.

Código Penal (2009). Porto editora, 3.<sup>a</sup> Edição.

Coie, J.D., *et. alli.*, (1993). “The science of prevention. A conceptual framework and some directions for a national research program.” *American Psychologist*, 48 (10), 1013-1022.

## Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro

Costa, L.G.; Machado C., & Antunes, R. (2006) *"Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade"*. Braga: Universidade do Minho, Escola de Psicologia.

Dahlberg, L.L. (1998). "Youth violence in the United States. Major trends, risk factors and prevention approaches." *American Journal of Preventive Medicine*, 14, 259-272.

Digest. (2005). "Traditional gender roles and intimate partner violence linked China." *International Family Planning Perspectives*, 31, 46-46.

Font-Calafell E., M.A., Doctoral Candidate, Trina Bauling, M.P.H.(s/d) *"Dating Violence Prevention in Ethnically Diverse Middle and High Schools: Program Evaluation Results and Prevalence Rates Among Adolescents"*. Cook County, Illinois Department of Public Health, Proviso Safe Schools/Healthy Students Initiative, Proviso Township High Schools.

Foshee, V.A., (1996). "Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types and injuries." *Health Education Research*, 11, 275-286.

Glass, N., *et alli*. (2003). "Adolescent dating violence: prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice." *JOGNN Clinical Issues*, 32, 227-238. Gómez, Y.F., Méndez-Valdivia, M., Izquierdo, M.C., Muñiz, C.L., Díaz, J.R., Herrero, J., Coto, E.E. (2002). *"Mujeres maltratadas por sus parejas masculinas."* *Psicothema* vol.14

Gwartney-Gibbs, P., Stockard, J., & Bohmer, S. (1987). "Learning courts hip aggression: the influence of parents, peers and personal experiences." *Family Relations*, 36, 276-282.

Jaffe, P., Sudermann, M., Reitzel, D., & Killip, S.M. (1992). "An evaluation of a secondary school primary prevention program on violence in relationships." *Violence and victims*, 7, 129-146.

## Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro

Jasinski J.L.(2001). "Theoretical explanations for violence against women." In C.M. Renzetti, J.L. Edleson, J.L., & R.K., Bergen (Eds.) "*Sourcebook on violence against women*" (pp.1-21). Thousand Oaks: Sage.

Kinsfogel, K., & Grych, J.H. (2004). "Interperental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional, and peer influences." *Journal of family Psychology*, 18, 505-515.

Lavoie, F., Robitaille, L., & Hébert, M. (2000). Teen dating relationships aggression. An exploratory study. *Violence Against Women*, 6, 6-36.

Lavoie, F., Vezina, L., Piche, C., & Boivin, M. (1995). "Evaluation of a prevention Program for violence in teen dating relationships." *Journal of interpersonal violence*, 10, 516-524.

Loebe, R. , Farrington, D.P. (2001). "*Child Delinquents: Development, intervention, and Service Needs*".

Machado C., Caridade S., Silva, J. M., Matos M. (2006) "*Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar*". Braga: Universidade do Minho, Portugal.

Machado C., Caridade S. (2006). "Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração". *Análise Psicológica*, 4, 485-493.

Machado C., Caridade S. (s/d)." *Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção.*"

Machado I., Sani A.S., Oliveira M.S. (2010). "*Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal*". Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa 7, 412-423.

Marquart, B., *et alli.* (2007). "Prevalence of dating violence and victimization: Regional and Gender differences." *Adolescence*, 42, 645-657.

Matos, M. (2006). “*Violência nas relações de intimidade. Estudos sobre a mudança psicoterapêutica na mulher.*” Dissertação de candidatura ao grau de doutor em Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Matos, M. Machado, C. Caridade, S. & Silva, M.J. (2006). “Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar.” *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 55-76.

Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. M. (2000a). “*E.C.V.C- Escala de crenças sobre violência Conjugal.*” Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. M. (2000b). “*I.V.C.-Inventário de violência conjugal.*” Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Nascimento, F. S. (2009). “*Namoro e Violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias.*” Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

O’Keefe, N. Brockopp, K & Chew, E. (1986). “Teen dating violence.” *Social work*, 31, 456-468.

O’Keefe, M. (2005). “Teen dating violence: a review of risk factors and prevention efforts.” *Applied Research Forum. National Electronic Network on Violence Against Women*, pp.1-14.

Oliveira, M.S. & Sani, A.I. (2005) “Comportamentos dos Jovens Universitários Face á Violência nas Relações Amorosas”. In B.D. Silva & L.S. Almeida (coords.). *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia.* (pp.1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED).

Paiva C., Figueiredo B. (2003). “Abuso no contexto do Relacionamento Íntimo Com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e efeitos”. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165-184.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004).” Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses.” *Psychologica*, 36, 75-107.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *Internacional Journal of Clinical and Health Psychology*, 5, 243-272.

Pick, *et alii*. (2010) “Yo quiero, yo puedo...prevenir la violencia: Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo”. *Salud Mental*, 33(2), 153-160. Instituto Nacional de Psiquiatria Ramón de la Fuente.

Prevention Programs Addressing Youth Dating Violence [Em linha]. Disponível em <<http://www.ucalgary.ca/resolve/violenceprevention/English/reviewprog/youthdprogs.htm>> [Consultado em 23 de Fevereiro de 2012]

Riggs, D.S., & O’Leary, K.D. (1996). “Aggression between heterosexual dating partners. An examination of a causal model of courtship aggression.” *Journal of interpersonal violence*, 11, 519-540.

Roberts, T.A., & Klein. J.D., & Fisher, S. (2003). “Longitudinal effect of intimate partner abuse on high-risk behavior among adolescents.” *Archive Pediatric Adolescent Medicine*, 157, 875-881.

Saavedra R.M.M. (2010) “Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis”. Dissertação de candidatura ao grau de doutor em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Sani, A. I. (2011). “ *Crianças Vítimas de violência, Representações e Impacto do Fenómeno*”. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sani A.I., Oliveira M.S. (2009) “ *A Intergeracionalidade da Violência nas relações de Namoro*”. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 6, 162-170.

Sharpe, D., & Taylor, J.K. (1999). “An examination of variables from a social-development model to explain physical and psychological dating violence.” *Canadian Journal of Behaviour Science*, 31, 165-175.

Simonelli, C.J., *et alli.* (2002). “Abuse by siblings and subsequent experiences of violence within the dating relationships.” *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 103-121.

Straus, M.A., & Ramirez, I.L. (2004). “Criminal history and assault of dating partners: the role of type of prior crime, age of onset and gender.” *Violence and victims*, 19, 413-434.

Strauss, M.A., *et alli.* (2002, setembro). “*Physical and sexual assault on dating partners by university students in mine countries.*” Paper presented at the meeting of the European Society Criminology. Toledo, Spain. Tara L. Cornelius, Nicole Resseguie.(2006). “*Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature*”. Grand Valley State University, USA.

Teen Dating violence: Prevention, Recommendations [Em linha]. Disponível em <<http://www.americanbar.org/content/dam/aba/migrated/unmet/teenabuseguide.authcheckdam.pdf>> [Consultado em 10 Junho de 2012]

Tontodonato, P.J.& Crew, B.,K. (1992). “Dating violence, social learning theory and gender: a multivariate analysis.” *Violence and victims*, 7, 3-14.

WEkerle, C., & Wolfe, D.A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19, 435-456.

Wolf, D.A., *et alli.* (2003). “Dating violence prevention with at-risk youth: a controlled outcome evaluation.” *Journal of consulting and clinical psychology*, 71(2), 279-291.

**Programa Breve de Sensibilização/Prevenção da violência no Namoro**

Womans wealth.gov [Violence Against Women] [Em linha]. Disponível em <http://www.womenshealth.gov/violence-against-women/types-of-violence/dating-violence.cfm> [Consultado em 03 de setembro de 2012]

# **Anexos**

(M. Matos, C. Machado & M. Gonçalves, 2001; Universidade do Minho)

**Versão para investigação**

**INSTRUÇÕES:**

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de maus tratos e conflito dentro do casamento (ou relações afectivas). Pede-se que **leia atentamente** essas frases e exprima a sua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A **sua opinião** é o mais importante. Por favor, tente responder de acordo com a sua forma de pensar e sentir e **não como acha que deveria ser**. Avalie cada afirmação, colocando um **(X)** na opção que melhor traduza o seu modo de pensar. Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

**As respostas a este questionário são absolutamente anónimas.**

**Obrigado pela sua colaboração!**

**DADOS PESSOAIS**

**Por favor responda às questões abaixo efectuadas, sem indicar o seu nome.**

**Idade:** \_\_\_\_\_ **Sexo:** M  F  **Curso:** \_\_\_\_\_ **Ano:** \_\_\_\_\_

**Estado Civil:** Solteiro(a)  Casado(a) / União de facto   
Divorciado(a) / Separado(a)  Viúvo(a)

Profissão (se não for economicamente autónomo, indicar profissão dos pais ou outros responsáveis):  
\_\_\_\_\_

**NOTA:**

Informa-se que o presente estudo terá uma 2.ª fase, em que, em conversa com grupos distintos de homens e mulheres, iremos procurar discutir e analisar algumas das questões subjacentes a esta temática. Assim sendo, **quem quiser colaborar** igualmente **nesta 2.ª fase do estudo**, deverá **preencher os dados** que se seguem:

Nome (primeiro e último): \_\_\_\_\_

Contacto (s): Telef. \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ mail: \_\_\_\_\_

Por favor, leia atentamente cada afirmação e responda:

**1 - Discordo totalmente**

**2 - Discordo**

**3 - Não concordo nem discordo**

**4 - Concordo**

**5 - Concordo totalmente**

1 - O problema dos maus tratos dentro do casamento afecta uma pequena percentagem da população.

1  2  3  4  5

2 - Os maus tratos ocorrem apenas em famílias de baixo nível educacional e económico.

1  2  3  4  5

3 - Os maus tratos só ocorrem quando há outros problemas dentro da família (p. ex., desemprego, consumo de drogas, problemas de dinheiro).

1  2  3  4  5

4 - O mais importante para as crianças é que a família permaneça unida, mesmo quando há violência no casal.

1  2  3  4  5

5 - É a ideia de as mulheres quererem ter tantos direitos como os homens que causa problemas entre o casal.

1  2  3  4  5

6 - A causa da violência é o abuso de álcool.

1  2  3  4  5

7 - A preocupação com a situação das mulheres que são maltratadas no casamento só serve para separar as famílias.

1  2  3  4  5

8 - Os homens batem nas mulheres apenas quando “estão de cabeça perdida”, por algum problema nas suas vidas ou por alguma coisa que elas fizeram.

1  2  3  4  5

9 - Se as mulheres se portarem como boas esposas não serão maltratadas.

1  2  3  4  5

10 - Os homens passam a agredir as mulheres porque se envolvem em relações extra-conjugais.

1  2  3  4  5

11 - Um(a) parceiro(a) infiel merece ser maltratado(a).

1  2  3  4  5

12 - Se o meu(minha) parceiro(a) me insulta, tenho razões para o(a) agredir.

1  2  3  4  5

13 - Algumas mulheres merecem que lhes batam.

1  2  3  4  5

14 - Um homem tem o direito de castigar a mulher se ela faltar ao cumprimento dos seus deveres conjugais.

1  2  3  4  5

15 - Em casos de violência conjugal, a polícia deve apenas tentar acalmar os ânimos e reconciliar o casal.

1  2  3  4  5

16 - Dar uma bofetada à(ao) parceira(o) quando se está aborrecido ou irritado é normal; é uma coisa sem gravidade.

1  2  3  4  5

17 - A violência conjugal é um assunto privado. Deve ser resolvido em casa.

1  2  3  4  5

18 - Os insultos são normais entre um casal.

1  2  3  4  5

19 - Uma mulher deve retirar a queixa de maus tratos contra o marido sempre que este lhe peça desculpa pelo que fez.

1  2  3  4  5

20 - Se as pessoas permanecem numa relação violenta, é porque merecem a situação em que vivem.

1  2  3  4  5

21 - Entre marido e mulher ninguém deve “meter a colher”.

1  2  3  4  5

22 - Uma bofetada não magoa ninguém.

1  2  3  4  5

23 - Algumas mulheres fazem os homens “perder a cabeça” e, por isso, é natural que eles lhes batam.

1  2  3  4  5

24 - Maridos e mulheres sempre se bateram. É natural e não tem nada de mal.

1  2  3  4  5

25 - É mais aceitável um homem bater na mulher do que o contrário.

1  2  3  4  5

NÃO COPIAR

## Anexo II

### I. V. C. - 2

(C. Machado, M. Matos & M. Gonçalves, 2001; Universidade do Minho)

#### Versão para investigação

#### INSTRUÇÕES:

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações sobre comportamentos que podem ocorrer entre os membros de uma relação amorosa. Pede-se que **leia atentamente** essas frases e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e **não como pensa que deveria ser**.

Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

**As respostas a este inquérito são absolutamente anónimas.**

**Obrigado pela sua colaboração!**

#### DADOS PESSOAIS

Por favor responda às questões abaixo efectuadas, **sem indicar o seu nome**.

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M  F  Curso: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

Estado Civil: Solteiro(a)  Casado(a) / União de facto   
Divorciado(a) / Separado(a)  Viúvo(a)

Profissão (se não for economicamente autónomo, indicar profissão dos pais ou outros responsáveis): \_\_\_\_\_

**NOTA:**

Informa-se que o presente estudo terá uma 2.ª fase, em que, em conversa com grupos distintos de homens e mulheres, iremos procurar discutir e analisar algumas das questões subjacentes a esta temática. Assim sendo, **quem quiser colaborar** igualmente **nesta 2.ª fase do estudo**, deverá **preencher os dados** que se seguem:

Nome (primeiro e último): \_\_\_\_\_

Contacto (s): Telef. \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ mail: \_\_\_\_\_

**A.** Em relação a cada um dos comportamentos abaixo indicados, por favor indique os que já usou com o seu parceiro(a) atual e os que o seu parceiro(a) já usou consigo, reportando-se ao último ano. No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu apenas uma vez ou mais do que uma vez.

Caso não esteja atualmente envolvido numa relação amorosa, por favor prossiga para a parte B (pág.7) deste questionário.

**1 - Puxar os cabelos com força**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**2 - Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **3 - Dar uma bofetada**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **4 - Apertar o pescoço**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **5 - Ameaçar com armas (p.ex., faca, pistola, objetos cortantes) ou usando de força física**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez  O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**6 – Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objetos pessoais) ou deitar a comida para o chão, para meter medo**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**7 - Acordar a meio da noite, para causar medo**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**8 - Dar um murro**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

**9 - Impedir o contacto com outras pessoas** (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **10 - Atirar com objetos à outra pessoa**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **11 - Dar uma sova**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **12 - Dar pontapés ou cabeçadas**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez  O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 13 - Dar empurrões violentos

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 14 - Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 15 - Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**16 - Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica**

(especificar \_\_\_\_\_)

a) Nunca fiz na minha relação atual  Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez  Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez  O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez  Mais do que uma vez

**17 - Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica**

(especificar \_\_\_\_\_)

a) Nunca fiz na minha relação atual  Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez  Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez  O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez  Mais do que uma vez

**18 - Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade**

a) Nunca fiz na minha relação atual  Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez  Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez  O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez  Mais do que uma vez

**19 - Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**20 - Gritar ou ameaçar, para meter medo**

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**21 - Outros** (especificar: \_\_\_\_\_)

a) Nunca fiz na minha relação atual

Já fiz ao meu parceiro(a) atual

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) O meu parceiro(a) atual nunca me fez

O meu parceiro(a) atual já me fez

Uma única vez

Mais do que uma vez

**B.** Em relação a cada um dos comportamentos abaixo apresentados, por favor indique os que já ocorreram no contexto de qualquer relação amorosa que já tenha mantido no passado (excluindo a sua relação atual).

No caso de comportamentos que já tenham ocorrido, indique se tal aconteceu apenas uma vez ou mais do que uma vez.

### 1 - Puxar os cabelos com força

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 2 - Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir"

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 3 - Dar uma bofetada

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 4 - Apertar o pescoço

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**5 - Ameaçar com armas (p.ex., faca, pistola, objetos cortantes) ou usando de força física**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**6 - Partir ou danificar coisas intencionalmente (p. ex., móveis, objetos pessoais) ou deitar a comida para o chão, para meter medo.**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**7 - Acordar a meio da noite, para causar medo**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **8 - Dar um murro**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**9 - Impedir o contacto com outras pessoas** (p. ex., desviar correspondência, tirar as chaves, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la de sair de casa, cortar o telefone)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### **10 - Atirar com objetos à outra pessoa**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 11 - Dar uma sova

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 12 - Dar pontapés ou cabeçadas

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

### 13 - Dar empurrões violentos

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**14 - Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**15 - Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**16 - Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica**

(especificar \_\_\_\_\_)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**17 - Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica**

(especificar \_\_\_\_\_)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**18 - Forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**19 - Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**20 - Gritar ou ameaçar, para meter medo**

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**21 - Outros** (especificar: \_\_\_\_\_)

a) Nunca fiz a um(a) parceiro(a)

Já fiz a um(a) parceiro

Uma única vez

Mais do que uma vez

b) Nunca me fizeram

Já me fizeram

Uma única vez

Mais do que uma vez

**Informação adicional:**

1. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido na sua **relação atual** durante o último ano, por favor indique o tipo de ligação que mantém com essa pessoa:

Casamento/união de facto   
sem coabitação

Divórcio/separação

Ligação afectiva

2. Caso tenha assinalado algum dos comportamentos apresentados como tendo ocorrido em **qualquer relação do seu passado**, por favor indique o tipo de ligação que mantinha então com essa pessoa:

Casamento/união de facto  Divórcio/separação   
coabitação

Ligação afectiva sem

3. Já mantive alguma relação amorosa  
amorosa

Nunca mantive uma relação

NÃO COPIAR

### Anexo III

Exmo Sr. Diretor Jorge Ventura

Escola Secundária de Estarreja

**Assunto:** Solicitação de autorização.

O meu nome é Eliana Carla Vaz Almeida, sou aluna de criminologia da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, e encontro-me no momento a realizar estágio curricular na CPCJ de Estarreja. Como trabalho de conclusão da licenciatura, gostaria de poder desenvolver um programa de prevenção da violência nas relações de intimidade junto de alunos desse estabelecimento de ensino. Este programa consiste na realização de uma ação de sensibilização sobre o tema em questão, procedendo-se a uma avaliação antes e depois da mesma, mediante administração de dois instrumentos: a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal que permite avaliar o grau de legitimação da violência e o Inventário de Violência Conjugal, que permite determinar os comportamentos abusivos perpetrados e sofridos no âmbito das relações íntimas. Assim sendo, gostaríamos de solicitar a sua colaboração e autorização para a implementação do referido estudo.

Mais informo que serão assegurados o anonimato e confidencialidade dos resultados obtidos.

Mostro-me ainda disponível para prestar todos os esclarecimentos que entender necessários, e como tal deixo o meu contacto telefónico (919176392) e de email (206312 ufp.edu.pt).

Estarreja, 4 de Maio de 2012

A Aluna,

---

#### Anexo IV

#### CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado de educação do aluno \_\_\_\_\_, consinto a participação deste no estudo intitulado de “*Crenças e Comportamentos dos Jovens face a violência no Namoro*”. Este estudo *está a ser realizado no âmbito do trabalho de conclusão da licenciatura de Criminologia da aluna Eliana Almeida e com orientação da Prof. Doutora Sónia Caridade.*

Mais declaro ter sido informado e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo (ex.: cujo objetivo é perceber como os jovens percecionam a violência no namoro e que atitudes adotam numa relação de intimidade; do recurso a dois questionários que serão aplicados no início e fim da ação de sensibilização; de que a ação de sensibilização terá a duração de uma hora; da dinâmica e conteúdos da ação), das vantagens, das desvantagens e riscos da participação e do seu carácter voluntário, dos limites da confidencialidade e das demais questões, tendo-me sido prestados todos os esclarecimentos que solicitei.

Do presente consentimento são lavrados dois exemplares, um dos quais ficará em minha posse e, o outro, na posse da investigadora responsável, que também o assinará.

Porto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

O/A encarregado de educação,

\_\_\_\_\_

Recebi o presente consentimento,

Data: \_\_\_\_\_

A aluna \_\_\_\_\_

***"O amor é cego, e os namorados nunca  
vêm as tolices que praticam."***

(William Shakespeare)

**ELIANA ALMEIDA**



***O que é a Violência no Namoro?***

- Qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e/ou intensa ou não, que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou econômicos, de modo directo ou indirecto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor de descendente comum, ou esteja, ou tivesse estado, em situação análoga; ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adopção ou afinidade.

APAV, 2008

APAV  
Associação Portuguesa de Apoio à  
Violência Doméstica



## ENQUADRAMENTO LEGAL

- **ARTIGO 152º DO CP**
- Quem, de modo reiterado, de descendente comum ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações de liberdade e ofensas sexuais:
  - a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge;
  - b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação;
  - c) A progenitor descendente comum em 1.º grau;
  - d) A pessoa particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência econômica, que com ele coabite;

É punido com pena de prisão de um a cinco anos, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

**APAV**  
Associação Paulista de Apoio à Mulher

## 1.ª ATIVIDADE



### Mitos ou Verdade?

- 1. "A violência no namoro é uma problemática que acontece pouco";
- 2. "O ciúme é a causa de muitas agressões, mas são demonstrações de amor";
- 3. "Os rapazes não são vítimas";
- 4. "A violência nos casais gays e de lésbicas é mútua";
- 5. "As drogas e/ou o álcool é que o/a tornam violento/a";
- 6. "A lei não me protege e a polícia não quer saber";

APAV  
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

## Mitos ou verdade?

- 7. "A violência é exercida fundamentalmente de rapazes para raparigas";
- 8. "Os rapazes concordam mais a violência, do que as raparigas";
- 9. "Mulheres que em crianças estiveram expostas a violência praticada entre os pais de futuro têm mais probabilidade de serem potenciais vítimas de violência por parte dos companheiros";
- 10. "A violência no namoro tem presente sobretudo formas de violência menos severa";

APAV  
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

## 1. A violência no namoro é uma problemática que acontece pouco

•MITO

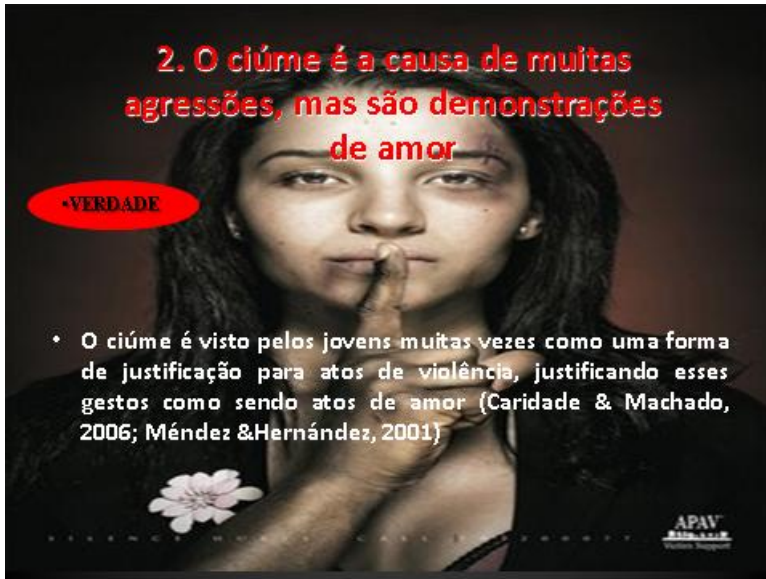
- Estudo português (Caridade, 2011) comprova que 1 em cada 4 Jovens já experienciaram violência nas suas relações de namoro.

APAV  
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

## 2. O ciúme é a causa de muitas agressões, mas são demonstrações de amor

### •VERDADE

- O ciúme é visto pelos jovens muitas vezes como uma forma de justificação para atos de violência, justificando esses gestos como sendo atos de amor (Caridade & Machado, 2006; Méndez & Hernández, 2001)

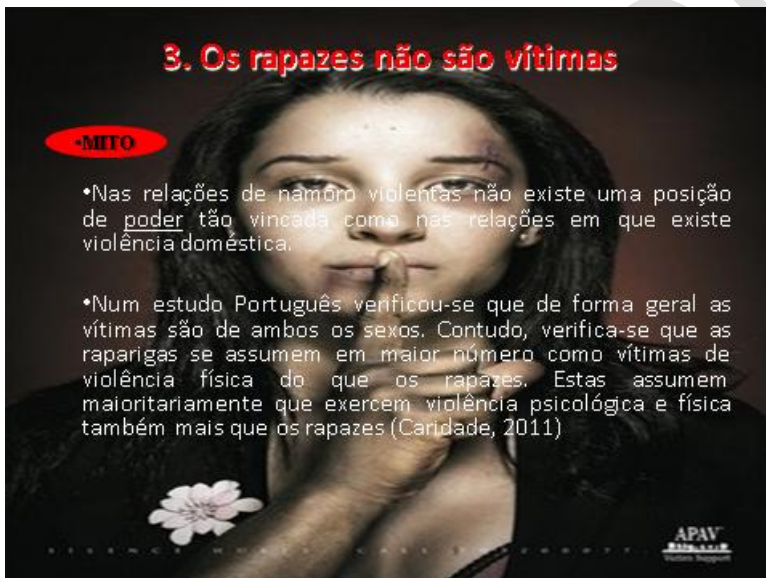


## 3. Os rapazes não são vítimas

### •MITO

• Nas relações de namoro violentas não existe uma posição de poder tão vincada como nas relações em que existe violência doméstica.

• Num estudo Português verificou-se que de forma geral as vítimas são de ambos os sexos. Contudo, verifica-se que as raparigas se assumem em maior número como vítimas de violência física do que os rapazes. Estas assumem maioritariamente que exercem violência psicológica e física também mais que os rapazes (Caridade, 2011)



#### 4. A violência nos casais gays e de lésbicas é mútua

##### •MITO

•“A violência doméstica é, sobretudo, uma questão de poder e do seu exercício e controlo. Nas vivências violentas homo ou heterossexuais, o exercício desse poder através da violência não se traduz apenas em violência física, mas também psicológica, social, económica. Mesmo relativamente à violência física, o facto de serem dois homens ou duas mulheres não significa que exista um equilíbrio de poder ou de força física” (Cit in APAV, 2008, [www.APAV.pt](http://www.APAV.pt))

•Neste tipo de relações, a violência mais comumente exercida tem o nome de *outing*, isto é o parceiro ameaça revelar aos outros a orientação sexual do mesmo (Machado & Antunes, 2006).

APAV  
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

#### 5. As drogas e/ou o álcool é que o/a tornam violento/a

##### •MITO

- O uso de álcool em excesso tem maior implicação nas agressões e na frequência das mesmas mas não é por si só a causa das agressões. Desinibe os comportamentos, tomando o papel de desinibidor (Testa, Quigley, & Leonard, 2003).

APAV  
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

## 6. A lei não me protege e a polícia não quer saber

•MITO

- Actualmente o nosso código Penal já prevê a violência no namoro dentro da legislação da violência doméstica.

Sendo este um crime público, a queixa não pode ser retirada.

De resto todos os actos de violência que possam estar associados estão previstos no CP, sobre a forma de diferentes crimes.

APAV  
2020-2022  
Violence Support

## 7. A violência é exercida fundamentalmente de rapazes para raparigas

•MITO

- Na violência no namoro não existe uma grande diferenciação de género, ao contrário do que se pensa as raparigas admitem até usar mais actos violentos (ex.: insultos, dar uma bofetada) que os rapazes (Caridade, 2011).

APAV  
2020-2022  
Violence Support

## 8. Os rapazes legitimam mais a violência, do que as raparigas

### VERDADE

- Grande parte dos jovens desaprova a violência, porém evidencia-se que a maior parte rapazes concorda mais com a violência, comparativamente com as mulheres (Caridade, 2011)

## 9. Mulheres que em crianças estiveram expostas a violência entre os pais de futuro têm mais probabilidade de serem potenciais vítimas de violência por parte dos companheiros

### •VERDADE

- Estudos realizados com o tema da Intergeracionalidade da violência demonstram que a exposição à violência na infância pode ser factor preponderante para que num namoro se assuma o papel de vítima ou de agressor (Gover, Kaukien & Fox, 2008).

## 10. A violência no namoro tem presente sobretudo formas de violência menos severa

### -VERDADE

- A violência verbal na forma de insultos e difamação, seguida de atitudes intencionais de danificar os objetos pessoais do (a) companheiro (a), com a intenção de causar dano e sofrimento ao outro são as formas mais comuns de violência que ocorrem nas relações de namoro. Contudo, também podem ocorrer situações de maior gravidade, mas não é tão frequente.
- Num estudo Português cuja amostra é de 4667 elementos, sendo que 42.2% eram do sexo masculino e 57.7% do sexo feminino. Este estudo verificou que: a violência dita menos severa retrata cerca de 22.4% e os actos de violência física situam-se entre 18.1%.
- Ainda 19.5% referiu ter sido vítima de violência psicológica e 13.4% vítima de violência física. Apenas 6.7% referiu violência física severa (Caridade, 2011).

## CICLO DA VIOLÊNCIA



## Consequências

**FÍSICAS**

- NÓDOAS NEGRAS;
- DORES DE CABEÇA;
- GRAVIDEZ INDESEJADA;
- INTENSÕES SUICIDAS;
- SUICÍDIO;

**PSICOLÓGICAS**

- TRISTEZA;
- ANGÚSTIA;
- VERGONHA;
- CULPA;
- BAIXA AUTO-ESTIMA;
- DEPRESSÃO;

**APAV**  
MULHERES ALTERNATIVA E RESPOSTA

## Em caso de Emergência

- Contactar alguma pessoa de confiança, e contar sobre a sua situação;
- Contactar os órgãos de polícia;
- Linha de Emergência Nacional – Serviço telefónico gratuito, através da linha 144, disponível 24 horas por dia.
- Linha Telefónica de Informação às Vítimas de Violência Doméstica – Serviço telefónico de informação gratuito, anónimo e confidencial, através do número 800 202 148, disponível 24 horas por dia.
- CIDM (Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres) disponibiliza um serviço de informação e apoio jurídico de carácter confidencial e gratuito. É necessário fazer marcação prévia nas instalações da CIMD.

**APAV**  
MULHERES ALTERNATIVA E RESPOSTA

## Em caso de Emergência

- UMAR (União Mulheres Alternativa e Resposta), uma organização não governamental de mulheres que disponibiliza centros de atendimento, apoio e acolhimento às mulheres vítimas de violência
- [www.cjr.org.pt](http://www.cjr.org.pt)
- [www.apcv.org.pt](http://www.apcv.org.pt)
- [www.amorviolentoéamor.com.pt](http://www.amorviolentoéamor.com.pt)
- [www.loveisnotabuse.com](http://www.loveisnotabuse.com)
- [www.uhavetheright.net](http://www.uhavetheright.net).

**APAV**  
MULHERES ALTERNATIVA E RESPOSTA



## Aplicação dos Questionários

- IVC- (Matos, Machado & Gonçalves, 2000)
- ECVC- Escala de Crenças em relação à Violência Conjugal. ( Carla Machado, Marlene Matos, Miguel M. Gonçalves, 2008)



NÃO COPIAR